



CHRISTINA
LAUREN

Mais que
amigos?

*Uma jornada da amizade ao desejo, em que resistir
à atração produz uma narrativa
divertida e hipnotizante.*

 FARO
EDITORIAL

CHRISTINA
LAUREN

Tradução de Helena Mussoi

Mais que
amigos?

CAPÍTULO UM

Millie



NO ENSINO FUNDAMENTAL, MINHA MELHOR AMIGA, Alison Kim, era obcecada por cavalos, era *a garota dos cavalos*, você deve conhecer o tipo. Ela fazia aulas de equitação, ia para a escola usando botas de caubói e sempre tinha um cheiro leve de estábulos. Isso não é *necessariamente* ruim, mas com certeza era peculiar dentre os alunos do Colégio Middleton. O quarto dela era coberto por imagens de cavalos; todas as suas roupas tinham estampas relacionadas a cavalos; ela tinha cartas colecionáveis e bonecos de cavalos. A garota estava *aficionada* pelo assunto, e, a qualquer momento, podíamos chamá-la para responder a alguma pergunta sobre cavalos ou recitar uma curiosidade equestre qualquer.

Você sabia que os potros conseguem correr seis horas depois de nascerem? Não, eu não sabia.

E quanto aos seus dentes? Sabia que os dentes de um cavalo ocupam mais espaço em suas cabeças do que seu próprio cérebro? Não, também não sabia.

A maioria das meninas desenvolve *alguma* obsessão em determinado momento, e na maioria das vezes ninguém estranha isso. Cachorrinhos: típico. Princesas também costumam ser idolatradas. Também é esperado que elas se encantem com bandas formadas só por meninos. E implorar aos pais por um pônei ou um unicórnio é perfeitamente normal.

Não acho que eu já tenha sido normal. Eu? Eu era obcecada por assassinos em série.

Na verdade, mais especificamente, eu era obcecada por *assassinas* em série. Ao escutarmos a expressão *assassino em série*, a maioria das pessoas imagina um homem. E não é para menos, sejamos realistas: os homens são responsáveis por,



no mínimo, 92% do mal que paira sobre o mundo. Afinal de contas, durante séculos a fio, as mulheres foram socialmente programadas para cuidar, elas são as protetoras, o suporte emocional. Então, quando ouvimos falar de uma mulher que tira vidas ao invés de criá-las, soa naturalmente chocante.

Minha fascinação por isso começou por volta da época em que fiz o papel de Lizzie Borden¹ na aula de teatro do sétimo ano. Era um musical inédito — produto da mente do nosso professor um tanto quanto excêntrico, para dizer o mínimo — e eu consegui o papel principal. Antes disso, meu conceito de assassinato ainda era perdido e disforme em minha cabeça. Porém, estudiosa como eu era na infância, devorei tudo o que pude sobre Lizzie Borden: os horrendos assassinatos a machadadas, o julgamento dramático, a *absolvição*. O fato de que, até hoje, aquelas mortes permanecem sem solução foi o suficiente para fazer funcionarem as engrenagens da minha mente: por que será que o cérebro masculino não tende apenas a ser mais agressivo como também mais propenso à violência em série? O que ativa esse mesmo mecanismo nas mulheres? É por isso que li todos os livros que encontrei sobre o assunto na adolescência, assisti a todos os programas sobre crimes, e esse é o motivo pelo qual agora ensino Criminologia na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, e estou escrevendo um livro sobre essas mulheres que tanto me cativaram quando criança.

Também deve ser por isso que estou agora bebendo com quatro dos meus melhores SÓ amigos — homens — em vez de me divertir num encontro de verdade.

Nenhum homem quer ouvir: “Eu fiz minha tese sobre divergências de gênero em assassinos seriais” durante a parte do *Conte-me mais sobre você* no primeiro encontro.

— Millie.

— Mills?

Minha atenção é capturada primeiro pela voz de Ed, depois se volta para a voz de Reid.

— O quê?

Reid Campbell, um dos já mencionados melhores SÓ amigos, a razão pela qual estamos aqui comemorando hoje, e um homem cuja genética não recebeu o recado de que é injusto ser lindo e brilhante ao mesmo tempo, sorri para mim do outro lado da mesa.

¹ Mulher que assassinou o pai e a madrasta a machadadas em 1892, em Massachussets, e virou parte do folclore americano. Informação disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lizzie_Borden.

— Você vai escolher com que peça vai jogar ou prefere continuar boquiaberta encarando a parede a noite inteira? — Ele ainda está esperando, ainda sorrindo, e só agora percebo o tabuleiro na mesa e o dinheiro de cor pastel que ele começa a distribuir.

Ao que parece, enquanto eu estava fora do ar, inadvertidamente concordei em jogar Banco Imobiliário.

— Ai, gente... De novo?

Reid, que, por algum motivo, sempre é o banqueiro, fita-me com um ar pseudomagoado com aqueles olhos azuis.

— Sem essa! Não finja que você não adora este jogo! Conseguir montar um monopólio na Park Place e na Boardwalk nos dá um nível de alegria *obsceno*.

— É, eu adorava, quando tinha dez anos de idade. Ainda gostava até dois anos atrás — digo. — Mas por que continuamos jogando se sempre termina igual?

— Como assim “sempre termina igual”? — Ed, ou *Stephen Edward D’Onofrio!*, caso você seja a mãe dele, puxa sua cadeira para a minha esquerda. O cabelo de Ed é uma moita selvagem de cachos castanho-avermelhados que fazem parecer que ele acabou de acordar ou que precisa muito ir dormir.

— Para início de conversa — começo —, Reid é sempre a cartola, você é o carro, Alex é o navio, Chris é o sapato e eu sou o cachorro. Você vai ao banheiro umas doze vezes antes de chegar sua vez, e nós temos que ficar esperando. Chris vai acumular dinheiro e se irritar por ficar caindo a toda rodada nos hotéis do Alex. Reid vai comprar só as empresas e, de algum modo, ainda assim dar um banho em todos nós, e eu vou ficar entediada e desistir seis horas após o início desse jogo interminável.

— Não é verdade! — protestou Ed. — *Eu* desisti da última vez, e o Chris comprou todas as propriedades laranja para se vingar do Alex por aquele bolo de aniversário em formato de galo.

— Cara, aquele bolo foi ótimo! — Alex disse, seus olhos escuros cabisbaixos enquanto ele ria olhando sua própria bebida. — E valeu a pena aguentar o Chris colocando sal na minha cerveja por duas semanas.

— O melhor de tudo — retrucou Chris — é que você nunca esperava que eu colocaria o sal, mesmo depois de eu ter feito isso quatro vezes.

Como de costume, Reid não se distrai de seu objetivo e entra na discussão enquanto organiza as cartas de propriedades.

— As regras de hoje eram muito claras: minha festa, minha escolha.

Soltamos um gemido em uníssono, pois ele tem razão. Reid e Ed são da área de neurociências, também na UCSB, mas, ao passo que Ed trabalha como pesquisador de pós-doutorado no laboratório de Reid, Reid é um

professor adjunto recém-nomeado, que acabou de efetivar seu cargo. Esse cargo é o porquê de eu estar usando um vestido e um chapéu de festa, e também o porquê de tantas serpentinas meio murchas de papel crepom estarem penduradas na sala de estar do Chris.

Chris está sempre do lado de Reid; ele está juntando as peças do jogo, não para guardá-las, mas para fazer uma concessão.

— Vamos mudar as coisas. Eu vou ser o cachorro, Mills.

— Acho que você não entendeu o que eu quis dizer, Christopher.

Quatro pares de olhos me encaram, inexpressivos, incitando-me a desistir da batalha.

— Tá bom, então — digo, conformada, enquanto me levanto e vou até a cozinha para buscar outra garrafa de vinho.

UMA HORA MAIS TARDE, VEJO QUE PERDI a conta de quanto dinheiro de mentira já paguei a Reid e de quantas vezes Alex encheu minha taça. Alex é professor de bioquímica, o que explica como ele sempre consegue me embebedar. E nossa, como estou bêbada! Nem sei mais do que estava reclamando: Banco Imobiliário é o máximo!

Chris reembaralha as cartas da Caixa de Comunidade e as posiciona de cabeça para baixo no tabuleiro.

— Ed, você ainda está saindo com aquela ruiva?

Não faço ideia de como Chris se lembra dessa história. Entre Alex e Ed, parece que nunca faltam histórias esquisitas de encontros e namoros para compartilhar. Eu entendo por que isso acontece com Alex, ele é alto, sombrio e malicioso, e, embora seja originalmente de Huntington Beach, passou todos os verões da infância com seus parentes no Equador, o que lhe deu um sotaque que faz as mulheres se derreterem. No entanto, ele nunca leva ninguém a sério e raramente se encontra com alguém de novo após tomar um táxi para casa pela manhã.

Ed é... não é nada disso. Não me entenda mal, não é que ele não seja atraente, além da já mencionada cabeça cheia de cabelo, mas ele se assemelha mais a um mauricinho universitário do que a um homem másculo. Se fôssemos à casa dele neste instante, encontraríamos ketchup e refrigerante de limão na geladeira, além de uma sala de estar repleta de máquinas de fliperama no lugar de móveis. Ainda assim, ele sai mais do que eu, Reid e Chris somados.

Não que isso seja grande coisa.

Reid é viciado em trabalho. Chris é belíssimo e bem-sucedido, mentor de outros químicos afro-americanos da universidade, mas também é exigente,

sério e trabalha nos mesmos horários insanos de Reid. E eu? Honestamente, talvez eu seja só preguiçosa mesmo.

Alex conta suas casas e posiciona o dado no centro do tabuleiro.

— Você quer dizer aquela do tapa-olho?

Certo, *isso* me traz uma vaga lembrança.

Ed não achou graça.

— Ela não tinha um *tapa-olho*.

— Na verdade, eu também me lembro dela — digo. — Lembro-me claramente de ter visto um remendo cobrindo um olho. — Aponto para o tabuleiro e para o amontoado de hotéis enfileirados lá. — P.S.: é sua vez, e se você não tirar dois (o que o levaria à cadeia), você estará *fô-di-do*.

— Esses maus senhorios... — Ed resmunga, mas joga o dado mesmo assim. Não tenho ideia de como, mas ele, de fato (miraculosamente), tira dois, e dá um soco celebratório no ar antes de escoltar seu carrinho para a *Cadeia*. É um alívio momentâneo das fileiras e mais fileiras dos hotéis de Alex. — E não era um tapa-olho, era um curativo pequeno. Nós tínhamos sido... muito afetuosos, e as coisas saíram um pouco de mão.

— Saíram de mão no sentido de... — Deixo a frase no ar, decidindo que talvez não queira saber a resposta.

Reid ri sobre a boca de sua taça. Quando Ed não esclarece o assunto imediatamente, no entanto, seu sorriso aos poucos se achata e um silêncio recai sobre o recinto enquanto somos levados a imaginar a solução do mistério a partir do uso da lógica.

— Espera. É sério?

Eu arrumo os míseros restos do meu dinheiro.

— Bom, ele disse mesmo que era um curativo *pequeno*.

Reid cai sobre a mesa em gargalhadas, e talvez isto se deva ao fato de que metade do meu sangue esteja embebido em vinho neste ponto, mas me lembro mais uma vez de que a primeira coisa que notei nele foi o sorriso.

Há pouco mais de dois anos, Reid e eu fomos apresentados pelo meu então-namorado, Dustin, chefe do departamento de Criminologia (o que significa, sim, que meu ex-namorado agora é meu chefe, motivo pelo qual eu nunca mais namorei ninguém com quem trabalhasse). Reid era novo na UCSB, e, na inauguração de um novo prédio de Ciências Computacionais, Dustin fez uma piada sobre como era a primeira vez em que alguém via Reid fora do laboratório. Aparentemente, Reid e sua noiva tinham acabado de romper; a maior queixa dela era a de que Reid passava tempo demais no trabalho. Eu não sabia disso na época, mas descobri depois que Dustin sabia. Reid riu da gracinha e seguiu sorrindo calorosamente quando apertamos as

mãos. Desenvolvi uma leve atração imediata por aquele sorriso brilhante que fazia os cantos dos olhos de seu dono se enrugarem, aquele sorriso que sobrevivera à alfinetada desleal de Dustin.

Por razões que nada tinham a ver com Reid, terminei com Dustin alguns meses depois, mas, já que ninguém gostava dele mesmo, pude permanecer na companhia de Reid, além de ganhar as companhias de todos os seus amigos: Chris e Reid foram colegas de faculdade, Ed se juntou ao laboratório de Reid como pós-doutor pouco depois de ser contratado, e Alex dividiu o laboratório com Chris quando ambos eram novatos no corpo docente da UCSB. Eu sou o único membro não científico do grupo, mas tanto no trabalho quanto em casa esses caras meio que se tornaram a minha querida pequena família de consideração.

— Então — Chris retoma o assunto —, vou considerar isso um “não” à pergunta que fiz sobre vocês ainda estarem saindo.

Ed joga os dados novamente, feliz por não tirar dois números iguais, e permanece seguro na cadeia.

— Correto.

— Então quem você vai convidar para o banquete de abertura? — pergunta Chris.

Reid desvia o foco do tabuleiro e o direciona a Chris.

— Temos que pensar nisso agora? O banquete é só em junho, ainda estamos em março.

Chris sorri e olha, presunçoso, ao redor da mesa.

— Já vi que nenhum de vocês ficou sabendo do palestrante deste ano.

Reid estuda sua expressão.

— Por quê, o palestrante vai me fazer querer ir acompanhado?

Chris se levanta e anda pela cozinha para pegar outra cerveja.

— Ouvi rumores de que o Obama vai fazer o discurso de abertura, além de uma breve introdução, no Banquete dos Reitores. Terno e gravata, direito a acompanhante, o pacote completo.

Todos arfam profundamente em uníssono.

— Também ouvi dizer que o reitor vai fazer o anúncio esta semana — ele acrescenta.

— Sem essa! — Ed o encara com os olhos arregalados por detrás dos óculos grossos. — Bom, eu definitivamente estarei lá este ano.

Reid ri, pegando o dado.

— Era para você estar lá *todo ano*.

— Mas no ano passado o primeiro palestrante foi o Gilbert Gottfried, acho que não perdi grande coisa.

— Aliás, eu queria conversar com vocês sobre isso — disse Chris. — Nenhum de nós está namorando ninguém... — ele interrompe o raciocínio, voltando sua atenção para onde Ed tenta equilibrar uma rolha no nariz e conta em silêncio quanto tempo ele conseguirá fazer isso.

— Olha aqui, Millie! — Ed estica o braço. — Dez segundos sem as mãos! Chris se vira para nós de novo:

— ... nem está com uma perspectiva séria de namoro. — Ele continua devagar. — Quem é que a gente *vai levar*?

Ed se endireita, capturando a rolha na palma da mão.

— Por que não podemos ir todos juntos?

— Porque não é uma festinha de escola — Chris responde.

— Não podemos ir sozinhos?

— Bem, até podemos. Mas esse evento vai ser importante, vai ter dança e essas coisas típicas de casal. Você pode ir sozinho e ser o lobo solitário, ou ir em grupo, e aí vamos ser aquela mesa de marmanjos — e a Mills — todos sentados lá que nem uns panacas. Acho melhor procurar acompanhantes.

Reid joga o dado e começa a planejar sua vez.

— Eu escolho a Millie.

— Você me *escolhe*?

— Ei, alto lá! — Com a atenção desviada de seu argumento inicial, Chris se vira para Reid, franzindo a testa. — Se vamos em duplas, por que você a escolheu?

Reid dá de ombros e acena a cabeça em minha direção.

— Porque ela fica melhor de vestido.

Ed parece genuinamente ofendido.

— Você obviamente nunca me viu de vestido.

— Eu te levei ao Banquete dos Reitores no ano passado. — Chris aponta para o Reid. — Nós nos divertimos à beça.

Ao terminar sua vez, Reid larga o dado no centro do tabuleiro e pega sua bebida.

— Foi mesmo. Só quero ser justo e ir com outra pessoa desta vez.

Ed dá um tapinha no ombro de Chris.

— Eu sou mais o tipo do Reid. Vocês se lembram daquela barista bonitinha de quem ele gostou? Aquela de cabelo encaracolado? — Ele aponta dramaticamente para a própria cabeça e seu amontoado de cachos ruivos. — Vai me dizer que não ficaríamos lindos juntos?

— Eu sou mais eu. — Alex apoia um pé sobre a mesa e levanta a barra dos jeans, flexionando o músculo da panturrilha. — Reid é um apreciador

de pernas. Olhem só para estas pernocas aqui. Eu poderia sair rodopiando pela pista de dança.

Reid observa cada um deles, perplexo.

— Quer dizer, tecnicamente a *Millie* faz meu tipo. Sabe, porque é mulher e tal.

— Alguém mais acha estranho que um recinto cheio de homens heterossexuais esteja lutando por Reid, e não por mim? — pergunto.

Chris, Alex e Ed parecem refletir bastante sobre isso antes de responderem que “não” em uníssono.

Eu ergo minha taça de vinho e tomo um gole longo.

— Então está bem.

Enfim, Reid se levanta, carregando sua taça vazia até a cozinha.

— Millie, você quer alguma coisa?

— Além de dicas sobre como desenvolver uma presença feminina sedutora? — pergunto. — Estou bem, obrigada.

Na bancada, Reid enxagua a taça e se abaixa para abrir a máquina de lavar louças, posicionando-a lá dentro com cautela. Já o vi fazer isso centenas de vezes, e não sei se é por causa daquele papo de namoro, ou do vinho, ou se Reid está particularmente bonito com sua camisa cinza-escura, mas nesta noite eu não desvio o olhar.

Observo-o andar tranquilamente pela cozinha, pegando louças avulsas perto da pia e as colocando em suas respectivas bandejas. Vejo os músculos de suas costas flexionarem quando ele se curva após terminar a tarefa, passando a mão sobre a larga cabeça da labradora cinza de Chris, Maisie.

Bebi o suficiente para sentir que meus membros estão frouxos e maleáveis; meu estômago está quente. Meu cérebro está meio nebuloso, o bastante para bloquear minha tendência a analisar demais as coisas. Em vez disso, minha mente serpenteia pelo fato de que Reid fazer algo tão mundano quanto encher uma máquina de lavar louça e acariciar um cachorro é absolutamente *fascinante*.

Com a cozinha já limpa, Reid estende os braços acima da cabeça num agradável alongamento. Meus olhos, como ímãs, seguem as linhas de seu corpo, o modo como o tecido da camisa repuxa sobre seu peito e se estica na curva de seu bíceps. Consigo ver de relance um pouco da barriga dele.

Reid tem uma bela barriga, aposto que ele ficaria ótimo se tirasse aquela camisa.

Ajoelhando-se sobre mim, os braços esticados, os dedos se agarrando à cabeceira da cama enquanto ele...

Opa.

Quero dizer... OPA. De onde saiu isso?

Forço minha atenção para baixo, na direção da mesa de jantar, e uns cinco segundos se passam antes que eu me atreva a me mexer de novo. Acabei de ter uma *fantasia sexual* com Reid, Reid Campbell, aquele que sempre torce para o azarão em qualquer evento esportivo, que finge gostar de música clássica a fim de que o Chris não tenha que ir sozinho à sinfonia, que compra um novo par de tênis de corrida precisamente a cada seis meses.

Quando ele retorna à mesa e se senta ao meu lado, mesmo que as batidas aceleradas do meu coração não me entreguem, não estou com cara de quem está pensando em retomar nossa fascinante partida de Banco Imobiliário.

Pisco para minha taça de vinho vazia, ansiosa para colocar a culpa no objeto mais conveniente. Quantas eu já tomei? Duas? Três? Mais? Não estou bêbada, mas também não estou exatamente sóbria.

Sou o tipo de bêbada que quer abraçar todo mundo, não tirar as calças do melhor amigo.

ARGH.

Melhor SÓ amigo. Melhor SÓ amigo.

Uma onda de calor ataca meu rosto, e me levanto tão rápido que a cadeira balança sobre os pés de trás. Quatro pares de olhos curiosos se voltam para mim, e eu me viro, correndo em direção ao banheiro.

— Millie? — Reid me chama. — Você está bem?

— Preciso fazer xixi! — grito por cima do ombro, sem parar, até estar segura dentro do banheiro, a porta firmemente fechada atrás de mim.

Geralmente eu rio quando me lembro de um dentre os vários galos que demos ao Chris ao longo dos últimos dois anos. Mas agora? Nem tanto. Toda essa história de galos começou como uma piada: Chris elogiou uma pintura gigantesca de um galo na casa da mãe do Ed, e ela imediatamente lhe deu o quadro, então, é claro que todo presente de aniversário, dia dos namorados ou Natal, desde então, foi algum tipo de objeto relacionado a galos. Ainda assim, até a visão de um dos meus favoritos, uma placa escrita “Acordem, seus babacas, que o dia já acordou!” que comprei para ele em seu último aniversário, só me faz pensar na piada do pinto, que me faz pensar em pênis, que me lembra a imagem do Reid nu, na minha cama, em cima de mim.

Com as mãos na bancada, eu me inclino para examinar meu reflexo e, certo, poderia estar melhor. Minhas bochechas estão vermelhas, meus olhos meio vidrados; meu delineador e meu rímel convergiram numa mancha escura logo abaixo das minhas pálpebras inferiores.

Ajoelhando-se sobre mim, os braços esticados, os dedos se agarrando à cabeceira da cama...

Agora, com as torneiras abertas ao máximo, eu limpo os olhos e jogo água fria no rosto. Isso me ajuda a esfriar um pouco a pele e afastar a névoa para conseguir pensar.

Não é que eu não ache o Reid atraente sexualmente, ele é lindo e brilhante e hilário, mas ele é meu melhor amigo. Meu Reid. O cara que segurou minha mão durante um tratamento de canal de emergência e se vestiu de Kylo Ren quando fomos ver *Star Wars: Os Últimos Jedi* no meu vigésimo nono aniversário. Sou próxima dos outros também, mas, seja lá qual for o motivo, é diferente com o Reid. Não *esse* tipo de diferente, mas... somos mais próximos. Talvez seja porque ele tem um nível de intuição que eu nunca vi num amigo antes. Talvez seja porque nós dois podemos ficar quietos juntos e o clima nunca fica estranho.

Fecho os olhos com força; é difícil ter uma crise existencial quando se está bêbado. Uma parte de mim acha que eu deveria me dirigir à saída mais próxima, mas a outra parte acha que deveríamos apenas... fazer as pazes.

Alguém bate na porta e eu recuo o bastante para entreabri-la. É o Reid, docemente desarrumado com um pano de prato sobre o ombro.

Maldição!

Eu me endireito, esperando parecer mais sóbria do que estou.

— Oi.

— Está tudo bem? — ele pergunta.

— Tudo ótimo. — Apoio-me sobre o batente a porta, tentando parecer casual. Tudo o que esse movimento consegue fazer é posicionar meu rosto a centímetros do dele, o que, de alguma forma, faz eu me sentir mais bêbada. — Você sabe como sou com vinho, ele me atropela.

Sou uma idiota, mas, antes que eu possa me arrepender do que disse, ele começa a rir. *Por que ele sempre ri das minhas piadas estúpidas?*

— Ed e Alex estão indo embora — ele diz calmamente. — Você não pode dirigir. Posso te dar uma carona?

— Não estou bêbada. — Talvez essa afirmação soasse mais verdadeira se eu não soluçasse imediatamente após ela. — E eu nem ia dirigir.

Ele inclina a cabeça e uma mecha de cabelo castanho cai para a frente ondulando-se sobre sua testa. Meu cérebro logo decide ficar ao lado do Time Fazer as Pazes.

— Vamos lá. — ele diz. — Você pode escolher a música.

EM SANTA BÁRBARA, PELO MENOS TREZENTOS dias por ano são ensolarados e perfeitos. A maior parte da nossa chuva escassa cai no início da primavera, e, enquanto dirigimos pela Rodovia 1 à meia-noite, janelas abertas e Arcade Fire berrando no rádio, sentimos o cheiro de uma tempestade chegando.

— Sua noite foi boa? — pergunto, virando a cabeça para enxergá-lo. Meus olhos levam alguns segundos para recuperar o foco. Está escuro dentro do carro e o rosto de Reid está na sombra.

— Foi, sim.

— Você está se sentindo diferente?

Ele se vira e sorri, as pontas dos cílios assumindo o brilho dourado da luz do painel.

— Por causa do novo cargo?

— É. Sabendo que agora você pode ser demitido por incompetência ou por má conduta.

Ele ri.

— Defina “má conduta”.

— Assédio sexual, assassinato, desvio de verbas...

— Parece até que você está me desafiando. — Ele pega minha mão no console e aperta meus dedos. — Está com frio? Posso ligar o aquecedor de assento se você quiser deixar a janela aberta para pegar um ar.

— Estou bem. — Digo, mas ele não solta meus dedos. — Talvez, ficando menos no laboratório e mais na sala de aula, você possa pegar mais leve. Tirar mais tempo para si.

— E fazer o que com ele? Jogar fliperama com o Ed?

— Sei lá — continuo —, explorar novos hobbies, encontrar a si mesmo, sair com alguém... Você trabalha demais.

Ele se vira para mim de novo e dá um sorriso adorável.

— Para que sair com alguém se já tenho sua companhia para o banquete? Reviro os olhos.

— Eu quis dizer no sentido geral de namorar.

— Está bem, então. Quando foi a última vez em que você saiu com alguém que não fosse um de nós?

Vasculho minha memória e conto cinco... seis meses, e não consigo deixar de pensar em como minha vida sexual se tornou uma verdadeira terra de ninguém. Ando tão estressada com prazos e questões familiares, e meu cérebro só está buscando uma cápsula de fuga, um pouco de alívio. Não é de admirar que eu esteja fantasiando com Reid.

Quando demoro demais a responder, ele aperta meus dedos novamente.

— Quer que eu pegue um calendário? Acho que tem um ábaco no meu escritório.

— Acho que foi com o Carson, aquele barista que trabalhava no Cajé. No escuro, vejo seus olhos se estreitarem enquanto ele pensa.

— Ele não é mais novo do que você?

— Alguns anos, sim — digo, e dou de ombros.

— *Sete* anos. — Ele corrige. — E ele tinha um piercing no nariz.

Que memória impressionante, Reid!

— Homens namoram mulheres mais novas o tempo todo e ganham um tapinha nas costas. Por que sair com um cara mais novo automaticamente me torna uma predadora?

Ele ergue uma mão.

— Não estou te chamando de predadora. Olha, se o meu eu universitário de 21 anos tivesse tido a chance de comer uma linda você de 28, eu teria feito isso num piscar de olhos.

Como é?

Um calafrio percorre minha espinha, e ele nota, passando uma mão pelo meu braço.

— Você está arrepiada.

— Ah... — Aproximo-me da janela. — Acho que está mais frio do que eu pensava.

— E aí, o que houve? Entre você e o...

— Carson — termino a frase. — Nada. Ele tinha 21, não tínhamos muito para onde ir.

— Quer dizer que foi só sexo.

Sinto-me grata por estarmos no escuro, assim ele não consegue me ver corada e sem jeito.

— Meu tônus muscular nunca foi tão bom.

Reid solta uma risada escandalosa.

— É sério. E quanto a você? Quando foi sua última... Você sabe...

— Hum... — Ele bate de leve o polegar no volante. — Minha última, *você sabe*... Não tenho certeza. Você provavelmente sabe tanto da minha vida quanto eu, me diz você.

— Você trabalha o tempo inteiro.

— Pois é, é curioso... — ele diz, sorrindo. — Deve ter sido assim que fui efetivado.

Reconheço isso com um aceno desajeitado. Ele vira na Rua State, que, a esta hora, é o caminho mais rápido para minha casa. Eu observo enquanto ultrapassamos os semáforos, um a um.

— Isso nos torna sem-graça? — eu me pergunto. — O fato de estarmos solteiros há tanto tempo, de ninguém no nosso grupo ter um relacionamento

de verdade? O Ed e o Alex namoram mais do que a gente, e talvez até o Chris, mas eles nunca chegam a lugar nenhum. É possível que a gente esteja estimulando um ao outro a morrer sozinho? Estamos virando um culto celibatário bizarro?

— Definitivamente estamos estimulando um ao outro.

— Mas a gente deveria se preocupar com isso? — pergunto. — Um dos muitos, *muitos* problemas que eu tinha com o Dustin era o fato de ele querer uma boa esposa. Nem sei se eu tenho esse gene, e não namorei ninguém por um longo período depois dele. Você não namora desde a Isla. Isso significa que somos fracassados?

— Na verdade, acho que significa o contrário — ele diz, entrando na minha garagem e estacionando o carro. — Deixa eu te perguntar uma coisa. Você ama sua carreira?

Nem preciso pensar antes de responder:

— Com toda a certeza.

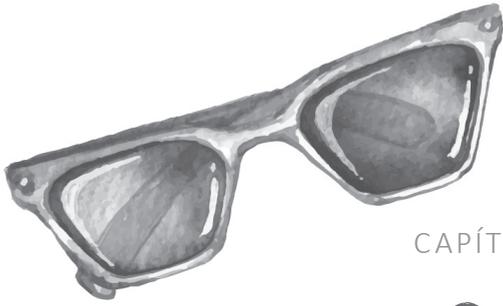
— Bem, está aí. E mesmo se a gente estiver estimulando um ao outro a continuar sozinho, quem se importa? Você nunca poderia morrer sozinha, porque tem a mim.

De repente, o carro fica silencioso, e eu sei que deveria entrar. Deveria lavar o rosto, colocar o pijama e ir direto para a cama.

Eu deveria deixar Reid ir embora. O problema é que não quero fazer isso.

— Entra comigo — digo, empurrando a porta e saindo do carro. O ar está frio e com cheiro de chuva, mas isso não é o suficiente para acabar com a onda que continua zumbindo nas minhas veias ou me fazer recuperar os sentidos.

Não tenho ideia do que estou fazendo ou do que está havendo entre nós, mas, quando chego à varanda e pego as chaves, Reid está logo atrás de mim.



CAPÍTULO DOIS

Reid

EU NUNCA TINHA FLERTADO COM UMA AMIGA antes... É isso o que está acontecendo agora? Quer dizer, parece que sim. Millie está sendo ela mesma, mas um pouco... *mais*.

Ela esbanjava um sorriso tímido, seus olhos vagueavam bem mais do que de costume e seus dedos se entrelaçaram nos meus quando segurei a mão dela no carro...

É como destrancar uma janela e deixar o vento escancará-la. Se Millie estiver flertando, o que devo fazer? Flertar de volta? Este é um momento muito no estilo de *Os Suspeitos*, de Bryan Singer, eu não fazia ideia de que a Millie era esta pessoa.

Estamos mesmo fazendo isto?

Lanço um olhar descarado para a parte de trás do corpo da Millie enquanto ela se dirige à geladeira e pega uma lata de água com gás para cada um. É quase clínica a forma como a estudo.

Objetivamente, trata-se de uma bunda fantástica.

Acontece que é a bunda *da Millie*. De início — por pouco tempo —, ela era conhecida como a Millie do Dustin. Depois, ficou conhecida como a Millie-que-é-um-dos-caras, *a Nossa Millie*, era bem melhor assim. Agora, ao que parece, ela se transformou na Millie Bêbada e Galanteadora.

É claro que já olhei a bunda dela. Já olhei muitas partes dela, sendo bem franco, mas fiz isso daquele jeito dissociado com que os homens sempre olham para as mulheres, quase sem perceberem o que estão fazendo. Já o fiz casualmente também, devido ao hábito da proximidade: enquanto a ajudava a tirar o casaco, enquanto segurava sua cerveja para ela tirar o suéter,

enquanto a examinava do lado de fora de um provador quando ela perguntava se deveria comprar aquela calça jeans. Independentemente disso, não importa quão bonita ela seja: Millie sempre foi intocável.

Na verdade, acho que ela sempre foi intocável porque nunca havia demonstrado grande interesse por nenhum de nós.

Ela limpa a garganta, e eu levo meus olhos até seu rosto, que, é justo dizer, talvez seja a melhor parte dela: os olhos verdes enormes, a boca sarcástica, as sardas no nariz e nas bochechas. Ela é linda, sim, mas eu nunca tinha adentrado o território do *Ela é sexy?* até esta noite.

— Eu estava encarando a sua bunda.

— E...? — Ela apoia um quadril na bancada e me dá um sorriso diferente de todos o que já vi nela. A maior parte de seus sorrisos são de boca aberta, maravilhados, frequentemente esbanjados através de um riso engasgado enquanto ela toma um gole de cerveja. Outros sorrisos são meia-boca, entretidos conosco enquanto tentamos fazê-la rir. O sorriso mais raro é o triunfante, quando ela nos fala a quantidade perfeita de merdas. Esses só são raros porque ela não costuma mostrar suas cartas.

Mas o de agora é como se alguém estivesse me contando um segredo. Ela parece concordar, porque morde o lábio inferior, como se estivesse tentando escondê-lo.

Acho que ela quer meu parecer sobre sua traseira, mas deve estar claro, pela minha expressão, que eu lhe daria notas altas.

— O que há com você hoje?

Um ombro nu se ergue e cai de volta no lugar.

— Estou meio embriagada.

Isso me faz gargalhar.

— “Meio embriagada”? Eu ficaria impressionado se tivesse sobrado algum vinho na casa do Chris.

— A culpa não é minha — ela diz. — Foi você que conseguiu a efetivação do cargo. Além disso, o Ed tomou duas garrafas sozinho, e quem me serviu foi o Alex.

— O sangue do Ed é 90% álcool e 10% farelos de Cheetos.

Ela vem até mim com as latas de água na mão, e só posso descrever seu caminhar como pavoneado, é tão dramático que eu começo a rir. Nós nos conhecemos há mais de dois anos, e eu nunca poderia imaginar esse lado brincalhão e sedutor dela, mas o som vindo da minha garganta é cortado quando ela coloca as águas sobre a mesinha perto de mim e põe as mãos abertas no meu peito.

A antecipação ganha vida sob a minha pele.

— Mills...

— Reids...

Falando através do ar pressurizado em minha garganta, pergunto:

— O que você está fazendo?

— Te seduzindo. — Ela ergue uma mão e acaricia o lado do rosto com o dedo mindinho, afastando uma mecha de seu cabelo acobreado.

— Está funcionando?

Nunca tive motivo para me conter perto dela, e a resposta escapa de mim com facilidade, sem filtros:

— Sim. Mas por quê?

Outro dar de ombros.

— Não faço sexo há um bom tempo e você estava organizando a louça mais cedo.

— Organizando a louça?

— Foi muito sensual. E você se alongou. Eu vi sua barriga, seus músculos, seu caminho feliz.

— Bem, não é à toa então que acabamos aqui.

Ela grunhe um pouco e se estica para pressionar o nariz sobre o meu pescoço, inalando o ar.

— Eu gosto do seu cheiro.

Congelo imediatamente. Quando ela diz isso, parece que estou de pé no centro estático de uma sala que não para de girar. De novo: Millie. Esta é a *Millie Morris*. Brincalhona. Colega. Ladra do meu moletom de Stanford. Mulher que tem exatamente o mesmo gosto que eu para cerveja. A cola que mantém nosso círculo de amigos unido.

— Gosta, é?

— É — ela diz, irradiando calor sobre mim ao pressionar a boca sobre aquele ponto no qual dá para sentir meu pulso. — Ele até me parece familiar, mas eu nunca tinha me dado conta de como é tão bom de perto.

Enquanto beija meu pescoço, meus pensamentos viajam dois anos no passado, quando Dustin a levou consigo para beber com o resto de nós. Chris, Alex e eu achamos que ele parecia um cara legal; talvez viesse a ser outro colega com quem pudéssemos sair. A academia é muito dura, ajuda ter um grupo de pessoas que entendem os horários loucos e as pressões envolvidas nesse meio. No entanto, em cerca de trinta minutos, Dustin já estava jogando dardos com uns surfistas e Millie nos embebedava com carros-bomba irlandeses e piadas indecentes. Daquela noite em diante, Millie pareceu ser mais *nossa* do que *dele*. Sei que eles acabaram terminando porque suas grades não eram compatíveis, além de terem atingido um platô — e o

Dustin era, basicamente, um babaca —, mas às vezes me pergunto sobre o quanto nossa amizade pode ter contribuído para o término da relação deles.

Aquela amizade chegou na hora certa: eu ainda estava me recuperando do fato de a Isla ter terminado o nosso noivado e começando a encontrar meu clã de amigos na universidade. Chris, Alex, Ed e eu saíamos, mas espontaneamente, nunca era nada planejado ou proposital. No entanto, assim que Millie se juntou à nossa gangue, estarmos juntos se tornou costumeiro: churrascos na casa do Chris quando o tempo estava bom; futebol americano aos domingos na casa da Millie, que tinha uma televisão enorme e os móveis mais transados; noites de jogatina na casa do Ed; intimidade e piadas internas. Entramos num ritmo e construímos uma espécie de comunidade. Antes da Millie, nós nos reuníamos quando um esbarrava aleatoriamente no outro; graças a ela, agora almoçamos juntos toda segunda e quarta e não consigo imaginar uma semana sem isso.

Porra, eu amo todos eles, mas romance nunca fez parte do jogo. Agora estamos só eu e Millie, tão perto um do outro que nossos peitos se tocam. Estou tentando não imaginar o que os outros pensariam neste momento.

Quando retomo meu foco, é difícil pensar em qualquer coisa; Millie tem se mantido bastante ocupada. Um dedo está enfiado na presilha do meu cinto, seus lábios pairando próximos ao meu queixo, contornando meu maxilar. É hora de tomar uma decisão. Só preciso inclinar minha cabeça para baixo em direção à dela para nos beijarmos. Já estou ficando duro, e o dilema está cada vez mais nebuloso: prosseguir, afinal, será ótimo ou desastroso?

— Vamos mesmo fazer isso? — desta vez, pergunto em voz alta. A respiração dela em minha boca está adoçada pelo vinho e pela maçã que ela roubou da bancada do Chris enquanto saíamos.

— Eu quero *muito* fazer sexo hoje — ela admite. — Mais especificamente, quero fazer sexo com você, mas, se isto for muito estranho, não tem problema se você quiser ir embora. Aí eu vou mergulhar na gaveta do pecado lá no meu quarto.

Não me decidi ainda, mas meus lábios roçam os dela uma vez, só para testar, e não me sinto estranho, nem um pouco. A sensação é leve e suave. Meu pulso bate impaciente dentro de mim.

— Gaveta do pecado?

— É, brinquedos sexuais.

— Não — eu digo, beijando-a de novo. — Essa parte eu entendi. O que quero dizer é... você tem uma *gaveta* inteira de brinquedos?

— Não é uma gaveta, assim, imensa. — Sua boca cobre a minha, mais firme agora, e ela sorri enquanto me beija. — Mas, sim, está cheia deles.

Nossa, que lábios incríveis! Brincalhões, macios, imediatamente viciantes. Ela rapidamente faz a transição de *Millie, minha amiga*, para *Millie, deusa do sexo*, e, durante uma fração de segundo, espero desesperadamente que possamos voltar a como éramos antes com a mesma facilidade.

Então as mãos delas surgem por debaixo da minha camisa e agora só espero que o tempo congele para que nossa noite não termine nunca.

Suas palmas são lâminas suaves de calor que percorrem minha barriga até meu peito. As unhas me provocam e mapeiam cada milímetro do meu corpo. Os sons que ela emite vibram contra meus lábios, adentram minha boca. Minha camisa se foi. As mãos trabalham loucamente no meu cinto, o botão do cós da calça, o zíper, até meus jeans virarem uma poça preta aos meus pés.

Todas as curiosidades que não deveríamos ter em relação a nossos amigos correm soltos — como ela beija, que sons ela faz, ela é dominante, ela é divertida? — e, com base no sorriso que ela esbanja, vejo que as mesmas coisas permeiam seus pensamentos. É um alívio encontrar estas maneiras insólitas nas quais somos compatíveis.

Gosto de como ela suspira quando se embrenha pela minha cueca e me toca. Gosto do sorriso furtivo que ela pressiona contra o meu.

— Reid... estou tocando no seu pau.

— Eu sei.

— Eu gosto — ela sussurra.

— Seria coincidência? Porque eu também gosto.

Ela ri, tirando as mãos de lá e usando-as para segurar minha cintura enquanto anda para trás, conduzindo-me ao seu quarto no final do corredor. Ela beija minha clavícula, meu pescoço, meu maxilar.

É fácil tirar a roupa da Millie: basta puxar o tecido por cima de sua cabeça e lá está ela só de lingerie. Sempre suspeitei, lá no fundo, que seu seios fossem bonitos, mas agora posso confirmar isso com meus olhos, minhas mãos, minha boca. Sempre gostei do fato de ela ser uma nadadora, de comer muito bem, e agora vejo a definição de seus braços, sua barriga, a força de suas coxas. O cabelo dela está emaranhado; a boca já meio inchada por minha causa. Não faço sexo há meses e por um momento isso tudo é demais para mim, sou como um homem faminto num *buffet*: sem saber por onde começar.

— Você está pensando demais — ela diz, e chega mais perto, engançando os polegares no elástico da minha cueca. — Não pensa em nada.

Brinco com uma mecha de seu cabelo com meu dedo indicador.

— Vamos estabelecer algumas regras básicas?

Quando Millie se afasta um pouco, seus olhos estão escuros e pesados.

— Se você quiser...

— Apenas acho que deveríamos...

Seus lábios retornam ao meu pescoço, sugando-o.

— Certo, primeira regra: os dois gozam.

Eu recuo e olho para ela.

— Sério? *Isso* precisa ser dito?

Uma curva sarcástica acomete sua boca.

— Ah, você nem imagina.

— Deixa comigo — digo, beijando seu sorriso. — A minha regra é não contarmos nada aos outros. Ed é tão otimista que provavelmente ficaria feliz por nós, mesmo que fosse só uma noite de diversão. Mas Alex nos daria sermões intermináveis, e Chris ficaria horrorizado.

Agora é ela que recua, surpresa.

— E você precisa dizer *isso*?

— Acho que eles ficariam com ciúmes.

— De mim, é claro. É óbvio que todos querem comer o Reid.

Isso me faz rir.

— Óbvio.

— Então você não vai dizer ao Chris? Você conta tudo para ele.

Ela está certa, mas ele jamais concordaria com este tipo de decisão impulsiva. Chris é a pessoa mais cuidadosa, mais propositada que já conheci.

— Juro que não vou.

A mão dela acaricia minha barriga, e a ponta do dedo traça a linha de pelos acima da minha cueca.

— Mais alguma regra?

— Eu tenho camisinhas — digo —, mas elas estão no carro.

— Eu tenho algumas na gaveta do pecado.

Consigno escutar o sorriso na voz dela, mas a menção brusca de algo tão fisicamente relacionado ao ato faz seu pescoço esquentar sob a minha boca.

O sutiã dela sai com um simples deslizar dos meus dedos, e meu plano de fazer este momento durar para sempre vai ainda mais por água abaixo quando encaixo minha mão na curva quente de seu seio.

— Do que você gosta?

— Tudo — ela diz, e rapidamente acrescenta —, exceto anal.

— Nossa! — Eu recuo, secando seu corpo. — Deixa para lá. Já que não vai rolar anal, vou embora.

Ela belisca meu mamilo, rindo do meu grito estridente.

— Era brincadeira! — Reforço meu argumento ao empurrar sua calcinha para debaixo de seus quadris.

— Eu sei. — Sua boca desliza sobre meu ombro. — Mas eu falei sério.

— É, eu também não curto muito.

— É mesmo? — ela pergunta, e eu adoro o modo genuíno como ela analisa meus olhos. Nunca estive tão próximo dela, e ela certamente nunca me olhou assim: com uma combinação de ternura de melhor amiga e de amante. — Achei que você gostasse de tudo.

— Quando você tirou essa conclusão?

A mão dela me acaricia devagar, ao redor do meu corpo, e minha mente fica zozna.

— Ah, você sabe. São só... pensamentos aleatórios sobre Reid.

— Quando estávamos no Gio na semana passada, você olhou para mim e pensou: “Hum... Aposto que ele gosta de anal”.

— Não, acho que foi quando comemos sanduíche no almoço de quarta-feira — ela brinca.

Eu rio, e meu riso se mistura com um gemido quando ela se inclina para a frente para roçar os dentes pelo meu pescoço.

— Eu juro que o Ed nunca mais deveria usar aquela camisa.

— A branca? — ela pergunta. — A da extravagância de pelos no peito?

— Ela é tão fina...

Eu me inclino para beijar seu pescoço, seu ombro, e me esqueço do que estava falando, porque ela está me puxando para a cama, seu mamilo na minha boca, e ela não para de me acariciar, e eu decerto não conseguiria me lembrar do meu próprio nome se alguém me perguntasse ele agora.

— Não é estranho? — murmuro em sua pele. — Por que estamos falando dos outros enquanto fazemos *isto*?

— Eu gosto de falar — ela diz e mergulha sua mão livre no meu cabelo. — Gosto de falar com você enquanto...

A voz dela some quando a chupo.

Eu quase espero que a noite inteira seja assim: uma conversa fluida, como sempre tivemos, mas agora entre beijos, toques, até em meio ao próprio sexo. Mas quando a mão dela encontra determinado ritmo, algo muda dentro de mim, algo que é mais instinto do que pensamento consciente. Beijo o corpo dela de cima a baixo, depois ela beija o meu, e quando finalmente volta e se posiciona em cima de mim, ela olha diretamente para os meus olhos enquanto se senta, e me pergunto, durante aquela primeira explosão de prazer, por que não fizemos isto todos os dias ao longo dos últimos dois anos.

SAIO DA CASA DA MILLIE POR VOLTA das duas da manhã, enquanto ela está adormecida e toda esticada, ocupando cerca de 90% do colchão. Beijo sua bochecha antes de sair; é estranho ir embora depois de apenas metade de uma noite juntos, mas devo pensar que seria ainda mais estranho para ela acordar com seu melhor amigo nu em sua cama.

Não bebi muito, mas, pela manhã, fico de ressaca mesmo assim. É um coquetel da embriaguez vertiginosa que sucede uma ótima noite de sexo, misturada com a ansiedade nauseante frente a um possível desentendimento com uma amiga.

Não que a Millie e eu brigamos. Quero dizer, nem consigo imaginá-la brava. Ela nem estava *tão* bêbada assim, mas, se há alguma coisa que poderia enfurecê-la, seria a percepção de que eu tirei vantagem dela na noite passada.

O escritório do Chris fica no prédio ao lado do meu, logo na entrada mais próxima à cafeteria do campus. Essa proximidade implica que somos sortudos o bastante para conseguirmos dar umas escapadas aqui e ali e tomar um café sem precisarmos esbarrar com quinze colegas no corredor nesse meio-tempo, mas isso também quer dizer que as pessoas vivem passando pelo escritório dele, ao irem ou voltarem da cafeteria, interrompendo seu trabalho.

Como eu faço agora, abrindo a porta e entrando.

— Oi!

Para um professor de química, Chris mantém seu escritório extraordinariamente limpo. Não há pilhas de cadernos de laboratório empoeirados ou de livros obsoletos servindo como mesas improvisadas. Ele tem uma pequena planta na escrivaninha, um pote cheio de lápis, alguns modelos moleculares aqui e ali, mas — bem como seu dono — o escritório do Chris é muito mais organizado do que qualquer outro de nós parece conseguir fazer.

Ele olha para mim, tirando os óculos e os colocando perto do teclado.

— Oi! Devo presumir que vocês chegaram bem ontem à noite?

Eu já esperava por essa pergunta, mas a maneira como ela é feita, tão de imediato, soa quase acusatória, quase como se ele *soubesse*. Eu respondo prontamente, com um toque histérico:

— Claro que chegamos.

Ele me encara por mais um segundo antes de pegar o copo de papel que coloquei sobre a sua mesa.

— Que bom. Obrigado pelo café.

De todos nós, Chris é o mais intuitivo, e, porque ele e eu nos conhecemos na faculdade, quase uma década atrás, ele também me conhece melhor do que qualquer outra pessoa. Se uma mísera centelha de ontem à noite cruzar meus pensamentos, ele vai perceber. Por outro lado, talvez seja exatamente

por isso que estou aqui: Millie e eu quebramos nosso ritmo tranquilo com uma marreta, criando uma falha que vai permanecer dormente ou estilhaçar tudo. Preciso saber que ainda posso agir normalmente, e *normal* significaria eu fingir que essa falha não existiu.

— Você está bem? — Chris pergunta.

— Sim, estou. — Encaro suas estantes intensamente, estudando, em específico, uma cópia da *Química Orgânica*, de Wade, e por fim a tensão se esvai. — Só queria passar aqui e te agradecer por ter nos recebido em sua casa ontem.

— Claro, cara. Estou muito feliz por você.

Meu olhar se volta a um ponto mais alto da estante, a alguns modelos moleculares, uns troféus em pequenos pedestais e...

— Belo pinto.

Ele resmunga, ficando de pé para alcançar a bola antiestresse em formato de galo e jogá-la no lixo.

— Agora até os meus alunos entraram nessa história.

— Um aluno te deu o pinto?

Ele desvia a atenção de mim, em direção ao corredor, antes de me lançar aquele olhar que expressa um assassinato mental ocorrendo dentro do seu cérebro.

— Que tal falar baixo?

Eu sorrio.

— Posso tentar.

— O que você vai fazer hoje?

Olho meu relógio e digo:

— Vou dar um seminário em meia hora. Quer vir?

— Não.

— Então te vejo no almoço.

ESTOU NA METADE DA MINHA APRESENTAÇÃO DE cinquenta minutos sobre inflamações no nervo ótico quando a porta de trás do auditório se abre com um chiado, como sempre acontece quando alguém que não está acostumado a ela entra pelo lado errado. Cabeças se viram e meu peito sofre com um soluço estranho e dolorido quando Millie entra. Vestida com jeans preto e um suéter verde intenso, ela anda pelo corredor na ponta dos pés, segurando uma sacola de papel na mão e assumindo uma expressão dramaticamente apologética pela interrupção que sua entrada causou. Millie nunca veio a um dos meus seminários;

considerando que sou de Neurociências e ela de Criminologia, ela não teria motivo para isso. Como ela sabia onde me encontrar? Talvez queira falar comigo depois do que aconteceu? Esse pensamento me deixa desconfortável.

A noite passada foi boa, não foi? Quero dizer, para mim foi incrível. Fizemos sexo duas vezes. Conversamos durante uma hora entre uma transa e outra sobre tudo o que queríamos falar: os últimos desastres laboratoriais do Ed, a palestra da Millie em Princeton, que ocorreria em breve, se Alex vai ou não ser efetivado ainda este ano. Nada muito pessoal, nada profundo. A conversa acabou se transformando em toques, que se transformaram em mim escalando sobre ela e as palavras se esvaindo. Antes de ontem, eu não poderia imaginar os sons quietos e rítmicos que ela produz, e hoje não consigo tirá-los da cabeça.

Consigo me encontrar ao olhar para o slide exibido na tela grande. Como o único especialista em retina do departamento, tento deixar minhas apresentações incisivas, interessantes e acessíveis. Millie conhece minha maior queixa: a de que o restante do departamento de Neurociências gosta de se esquecer do fato de que a retina faz parte do cérebro, e a pego sorrindo quando surge uma imagem do sistema nervoso central com a retina marcada bem na frente. Aquele sorriso desata o nó de tensão dentro de mim.

É a Millie, ela é inabalável. É claro que estamos bem.

Aliás, ela me encontra no meio do corredor enquanto todos saem do auditório e tira uma caixa de doces da sacola passando-a para mim. Dentro dela há um cupcake com um unicórnio esculpido em glacê.

— Para que é isto? — Olho para ela. — A gente comemorou a efetivação ontem à noite, e ainda falta um mês para o meu aniversário.

Millie sorri.

— É o cupcake do dia seguinte. — Quando não consigo pensar numa resposta rápida, ela acrescenta, num sussurro: — É um cupcake de *bom trabalho com os orgasmos*. — Ela pausa e olha para as minhas mãos. — Também é um cupcake de: *Está tudo bem entre nós?*

Essa rara demonstração de vulnerabilidade me desestabiliza, então fecho a tampa da caixa e toco no nariz dela com o dedo indicador, como ela sempre faz com a gente.

— Você sabe que estamos bem.

— Então vem ao Cajé comigo. — Ela puxa minha mão. — Preciso de caféina.

— Eu já tomei café... com o Chris...

Mas ela já se virou para sair andando. Eu deveria ter dado a explicação mais convincente do *Preciso ir ao laboratório*, porque, para Millie, o trabalho sempre vem em primeiro lugar, mas não existe isso de café demais.

O Cajé é uma cafeteria perto do campus que costuma ser frequentado pela parcela mais desleixada do nosso corpo discente. Imagino que haja tantas pessoas brancas com dreadlocks do lado de fora, no pátio, quanto baristas do lado de dentro. E, embora eu saiba que a Millie seja capaz de se mesclar a qualquer um deles nos finais de semana, agora, com o jeans justo, salto alto e suéter de caxemira, ela se destaca de todos como um ramo de flores num campo de grama seca.

Sem se preocupar em perguntar o que eu quero — ela já sabe mesmo —, ela se inclina no balcão e pede dois cafés americanos médios, extraquentes, e, num turbilhão apressado, aponta para uma mesa miraculosamente vazia para eu pegar.

Limpo a mesa com alguns guardanapos, tentando acalmar a ansiedade nada familiar que sinto logo antes de uma conversa com a Millie.

Minha melhor amiga, Millie, que aplica máscaras faciais hidratantes em mim enquanto vemos nossos filmes de gângster favoritos dos anos 1990, que generosamente come todo o melão das minhas saladas de frutas.

Com dois copos fumegantes nas mãos, ela anda até a mesa, em direção a mim, e eu tenho que fazer um esforço consciente para parecer normal.

Isto é muito esquisito.

Digo, é impossível ignorar a maneira como o jeans se curva sobre seus quadris, e então sou levado a me perguntar se deveria ter reparado nisso ontem à noite.

Sentada aqui, sem dizer uma palavra, ela sorri, tocando sua bochecha, e esse movimento chama minha atenção enquanto ela arruma algumas mechas rebeldes do cabelo atrás da orelha. Há uma nova, crua honestidade aqui, uma consciência tácita capturada pelo contato visual que grita: *Nós transamos!* Meu olhar desce até seu pescoço e tropeça em algo ali. Não acho que eu normalmente veria a pequena marca vermelha em sua garganta se não a tivesse infligido.

Ela percebe que eu percebi e cobre a mancha com a ponta do dedo.

— Vou cobrir com maquiagem antes do almoço.

É verdade. Hoje é quarta, um dos dois dias da semana em que todos nos encontramos para almoçar no Summit Café, perto da biblioteca.

— Está tudo bem, é uma marca pequena — digo. — Quero dizer... Desculpa.

— Ah, não se desculpe.

O sexo agora está na linha de frente. Millie me encara diretamente e é intimidador receber sua atenção exclusiva desse jeito; sempre é. Só que agora, em vez de aproveitar, minha mente alterna entre a certeza tranquilizante de

sua expressão e a memória de seus olhos se fechando de alívio quando ela montou em mim e sentiu aquele momento inicial de prazer.

— Tem certeza de que você está bem? — pergunto.

Ela acena decisivamente.

— Cem por cento. E você?

— Também. — Pergunto-me se ela também está tendo esses lapsos disruptivos de lembranças. Não sei exatamente como nos livrar desse assunto, mas deixar as palavras “Foi muito bom, por sinal” saírem da minha boca certamente não é a melhor maneira de fazê-lo.

Ela poderia tornar a situação constrangedora, e isso é o que eu espero dela, porque nos deixar desconfortáveis é o passatempo favorito da Millie. No entanto, parece que ela está bem generosa.

— É claro que foi. Nós dois somos excelentes na cama. Mas... ainda estamos de acordo, certo? Sobre... sermos só amigos?

— Estamos de acordo.

E estamos mesmo. Por melhor que ontem tenha sido, não quero estar com a Millie desse jeito de novo. Pelo menos, acho que não. E definitivamente não devo fazer isso. Somos bons demais como amigos espertalhões para podermos ser bons amantes. De qualquer modo, não consigo ver a Millie dessa maneira.

Ela estica o braço e aperta minha mão.

— Você é meu melhor amigo, Reid.

— Você vai me fazer chorar.

Com uma risada, ela empurra minha mão.

— Mas é sério, eu não quero namorar um colega de novo. Isso se chama desastre.

— Parece justo — digo, grato por essa *normalidade* —, mas o nome dele é *Dustin*.

Ela rapidamente toma um gole de café para contestar meu argumento.

— Algumas pessoas poderiam achar que *Reid* é um nome pretensioso.

Levando uma mão ao peito, finjo que estou ofendido.

— *Ninguém* acha isso.

Millie se estica de novo e agarra o braço de um aluno que está passando por ali.

— Oi, perdão, uma pergunta rápida: você acha que “Reid” é nome de babaca?

O cara não hesita, nem se dá ao trabalho de olhar para mim.

— Total.

Millie o solta com um sorriso de satisfação e leva sua caneca aos lábios.

Eu copio o movimento com a minha caneca.

— Ele só disse isso porque se sentiu intimidado pelo óbvio: professora gata o agarrando aleatoriamente.

— Fique à vontade — ela diz, indicando a multidão com uma mão generosa. — Pergunte você mesmo a alguém.

— Com licença — digo, parando uma aluna com o dedo levantado —, você diria que o nome “Reid” é pretensioso?

Ela é muito bonita, pele morena macia, um halo de cabelos cacheados, e, quando nossos olhos se encontram, ela enrubesce.

— Esse é o seu nome?

— Isso é irrelevante — digo, suavizando a afirmação com o que Millie chama de meu Olhar Sedutor.

— Quer dizer... — a garota diz —, *eu* não acho esse nome pretensioso.

Eu agradeço, e ela desaparece dali enquanto me viro para Millie.

— Viu?

— A resposta dela soou como um jeito gentil de dizer: “Diz o consenso que esse nome é de babaca”.

Eu rio.

— Não, ela claramente respondeu que não.

— Se foi um não, é porque ela quer te foder.

A palavra *foder*, saindo de sua boca, faz coisas estranhas com meu batimento cardíaco. Ela diz isso o tempo todo, mas ontem à noite a sussurrou no meu ouvido pouco antes de me dizer que estava quase lá.

De novo.

Tento fazer minha voz soar o mais magoada possível.

— Não fazia ideia de que você achava que eu tenho nome de babaca.

Millie não está caindo nessa, ela ri com a boca na caneca.

— Eu não acho.

Caímos num silêncio acolhedor e tento não pensar muito na Millie Sexual ou estudar muito meticulosamente a Millie Amiga. Ela se recompôs completamente. A Millie é, de fato, tão constitucionalmente séria quanto parece ser.

E, puta merda, ela é tão divertida na cama quanto eu poderia imaginar.

— Então... — ela diz, quebrando o silêncio. — Tendo em mente o interesse de voltarmos a ser Melhores Amigos, acho que deveríamos encontrar outros acompanhantes para o banquete.

— Parece que sim.

Leia também



**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br

Campanha



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

Faça o teste. Não fique na dúvida!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA
EM SETEMBRO DE 2023